

Jornalismo cultural: procedimentos pedagógicos

Wellington Pereira*

As faces do jornalismo cultural

O jornalismo nasce da tensão entre o anunciar e o enunciar. Mas, no entanto, não é um discurso teleológico.

Na concepção do jornalismo cultural, se convive com dois antagonismos: a idéia de cultura enquanto mercadoria e o entrave do analfabetismo.

A cultura aparece nos jornais como algo pronto, acabado, homogêneo. Na prática jornalística, ela está subordinada às leis do periodismo: atualidade, difusão, periodicidade e universalidade.

No jornalismo contemporâneo, as manifestações culturais dependem dessas leis. Portanto, os cadernos de cultura são espaços líricos, nos quais certa "ordem estática" tenta mascarar os conflitos existentes entre cultura erudita e cultura de massa.

Alguns jornais preferem a "erudição imediata". São os jornais "intelectualizados", que valorizam a linguagem erudita e sua utilização como uma marca de diferenças culturais.

A linguagem "cult" dos eruditos combate a linguagem consumista dos meios de comunicação de massa, porque uma pretende ser diferente e a outra se conforma na repetição. Repetir é o verbo da cultura de massa.

O jornalismo cultural brasileiro tenta sobreviver entre a repetição e a diferença. Sua síntese é a mercadoria cultural, cujo valor de uso aparece com o crédito de shows, filmes, livros e discos.

No mundo ocidental, o jornalismo cultural tem duas características: a) preocupação com a informação; b) preocupação acadêmica, no sentido analítico, com os fatos culturais.

Um jornalismo cultural puramente informativo faz da cultura um grande espetáculo. Organiza os eventos culturais para ser consumidos. Sendo assim, um concerto de música clássica ou uma peça de teatro são noticiados numa perspectiva do "novo", como se estivessem aparecendo socialmente pela primeira vez.

Existe um outro tipo de jornalismo cultural deslocado do fetiche da mercadoria: o jornalismo cultural analítico. Nele, o choque entre linguagem culta e linguagem de massa só deve ser entendido à luz de uma análise do fluxo das informações.

No Brasil, o jornalismo cultural ainda não se definiu: não é puramente informativo, tampouco alcançou o estatuto de analítico.

Mas a tradição cultural do nosso país está mais próxima do jornalismo cultural informativo. Portadores de uma formação bacharelesca, em que predomina um “ufanismo nacional-popular”, os nossos redatores de cultura, na sua grande maioria, são meros acumuladores de informação.

A tendência dos “barões dos caracteres”, os jornalistas de cultura, é praticar um jornalismo de registro. Eles dão ao leitor apenas um pouco da sua “*intelligentsia*”. Colocam-se sempre como pessoas que dominam alguma manifestação cultural, trocando figurinhas de ídolos desgastados.

A visão mais aguda sobre o jornalismo cultural no Brasil está nas idéias e escritos de Lima Barreto e Mário de Andrade. Ambos refletiram sobre nossas manifestações culturais de forma analítica, dando ao leitor condições para entendê-las. Já no começo do século, Lima Barreto chamava atenção para a “pedantocracia” dos nossos suplementos culturais.

A “pedantocracia” pode ser traduzida pelo excesso de “erudição” e de informação nas páginas do nosso jornalismo cultural, que não pode ser visto como sinônimo de competência. Geralmente, são informações personalizadas, que não deixam transparecer as contradições internas dos movimentos culturais.

No jornalismo contemporâneo, o mestre da “pedantocracia” foi Paulo Francis. Senhor de muitos adjetivos, Francis tornou-se a síntese perfeita entre o discurso bacharelesco e os signos da modernidade.

A caoticidade da sociedade moderna e a formação bíblico-apocalíptica de nossa América parecem ser as gêneses do jornalismo cultural praticado por Paulo Francis.

Os epígonos de Francis ainda habitam os suplementos culturais do país.

O mito da competência, calcado nos princípios da filosofia individualista, norteia os rumos dos nossos cadernos culturais. A nova geração de repórteres especializados em cultura é “*self-man*”,

cujo lema pode ser “um por si, todos por ele só”. Nos pequenos jornais esse profissional prevalece.

Mas nem sempre esses “repórteres especiais” conseguem ser tão especiais.

A primeira coisa que o leitor deve exigir de uma reportagem cultural (reportagem aqui no sentido de gênero jornalístico) é que ela tenha um caráter pedagógico, ou seja, contribua para ampliar o repertório cultural do leitor. Por exemplo: numa matéria sobre literatura brasileira, o repórter deve ter o cuidado de fornecer as características de cada período, as obras e uma breve discussão sobre o estilo de cada escritor. Quando falar em movimentos artísticos, que englobam literatos, músicos e pintores, os “repórteres especiais” devem datá-los e explicá-los, desde suas origens.

O jornalismo cultural não é apenas registro. Não se inscreve a partir das datas redondas, aquelas que terminam em zero e servem para comemorar o centenário ou a morte de manifestações culturais.

A negação do mundo sensível. Ou as razões do jornalismo cultural

O jornalismo cultural tem como objetivo “veicular” as manifestações estéticas produzidas pelos diversos grupos sociais. Mas é quase impossível concretizar essa proposição.

De modo geral, os cadernos culturais no jornalismo brasileiro têm uma tradição de evidenciar conceitos estéticos que demarcam as tendências culturais da sociedade contemporânea.

Mas os conceitos gerados sobre a prática do jornalismo cultural, antes de tudo, evidenciam os caracteres da sociedade industrial: desvalorização dos fatos sociais considerados da ordem do subjetivo, fragmentação das formas narrativas, conexão anacrônica da história.

As formas narrativas no jornalismo cultural contemporâneo seguem os padrões estéticos da sociedade de consumo. Portanto, os jornalistas que trabalham nas editorias de cultura sentem dificuldades em organizar a “prosa do mundo moderno” subordinada à velocidade das novas mídias.

Além da “desmaterialização do tempo”, os suplementos culturais parecem acometidos de confusões estéticas, nas quais se misturam manifestações folclóricas, linguagens das tribos urbanas, imagens sem foco, traços gráficos, atalhos visuais, e a gramática televisual pontuando as formas discursivas.

Nessa lógica do “saber fazer”, a representação das culturas é substituída pelo simulacro da cultura, pois o importante é o espetáculo. Assim, o tempo das culturas se perfaz nas temporalidades da mídia, ora na linguagem do jornalismo informativo, ora na superposição das narrativas on-line: na busca de um real virtual.

O jornalismo cultural contemporâneo não contempla sequer o fetiche de suas mercadorias, pois o interesse está centrado na transformação das manifestações estéticas em eventos.

A cultura dos eventos é predominante na produção de bens culturais. Nessa assertiva, podemos definir o “evento” no processo de construção da linguagem jornalística: um sistema de informações (verbais ou imagéticos) construído para imprimir as realidades discursivas.

Na verdade, o fator mais importante na cultura do evento é a “doação da interpretação do mundo”, ou “*le monde à commenter*”, como explicita Patrick Charadeau em seu livro *Le Discours d'Information Mediatique - a Construction du Miroir Social* (Paris, Nathan, 1997).

A doação de uma interpretação das estéticas, o mundo interpretado a priori, sem levar em conta as experiências vivenciadas, faz parte de uma das estratégias da comercialização de produtos no jornalismo cultural. Isso nos remete a duas questões: a) as diferenças estéticas são anunciadas em função do “evento”; b) as narrativas no jornalismo cultural são índices de eventos (shows, discos, espetáculos teatrais, cinema, estilos de vida).

Na lógica discursiva do jornalismo cultural, na qual predominam os verbos fazer, promover, realizar, os sujeitos estão subordinados ao tempo da obsolescência planejada da sociedade de consumo.

A criação dos imaginários nos cadernos de cultura dos jornais se faz por meio de uma linguagem de antecipação, comum à lógica do espetáculo, que nos impulsiona a negar as manifestações dos diversos grupos sociais no que elas possuem de mais intenso.

Mas a intensidade das manifestações culturais anunciadas no jornalismo cultural se esgota na fragmentação das culturas. Dessa forma, a pluralidade estética fica empobrecida, porque a leitura das manifestações artísticas se faz de forma linear.

Na verdade, o jornalismo cultural não estabelece uma organização de sentidos (*episteme*), mas a ocultação destes, apenas revelada na compra das “mercadorias”. Por isso, nos cadernos culturais

“mostrar a produção de eventos” é mais importante do que interpretar as nuances de cada forma artístico-cultural. Como exemplo, podemos dizer: a fabricação do evento é mais importante do que a sua essência.

No exercício de compreensão das narrativas produzidas pelo jornalismo cultural, se faz necessário entender como as sensibilidades sociais são negadas, “apagadas”, em nome de uma leitura que antecipa conceitos e conteúdos do mundo moderno.

O jornalismo cultural na sociedade pós-moderna, na qual a quebra de parâmetros estéticos é uma constante, se limita a três formas de avaliação das produções estéticas: a) a crítica das obras de arte, levando em consideração um cânon (imposição de dominantes) capaz de reduzir as expressões artísticas do mundo ocidental; b) a apresentação das obras de arte de forma referencial, sem quaisquer perspectivas analíticas; c) a vinculação do gosto estético à lógica do consumo.

As formas de apresentação das artes no jornalismo cultural não levam em consideração o mundo subjetivo tecido pelos diversos grupos sociais, mesmo quando se privilegia alguma forma narrativa que corresponde a modelos estéticos delimitados historicamente, como é o caso do romance, gênero por excelência burguês.

Há no jornalismo cultural uma negação do sensível, ao mesmo tempo em que se configura uma distribuição dos fatos estéticos por meio das rubricas cinema, teatro, música, literatura, dança. Portanto, a apresentação das produções estéticas, com base nos projetos temáticos divididos em “campos especializados”, nos leva a falsas concepções, como: as artes não dialogam entre si, mas são construções autônomas que se materializam no espetáculo.

O mundo sensível, que o jornalismo cultural tem dificuldade em narrar, se constrói na complexidade da vida cotidiana. Por isso, o vernissage, os shows musicais, as representações teatrais, a leitura silenciosa de um livro, jornal ou revistas são hábitos culturais que traduzem relações intersubjetivas socialmente construídas na configuração do senso comum.

O jornalismo cultural reduz o mundo sensível ao conceito de produção artística.

Grosso modo, esse é um problema estético que uma teoria do jornalismo deve procurar resolver com o auxílio das outras ciências sociais, como a sociologia compreensiva exercitada por Georg Simmel, Weber, Durkheim, Schutz e Michel Maffesoli.

As reflexões teóricas desenvolvidas no presente ensaio culminaram com a elaboração de um projeto de pesquisa que foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (Grupecj), chamado Cultura: Gêneros Jornalísticos no Cotidiano, entre agosto de 2004 e fevereiro de 2005, buscando analisar as formas narrativas nos suplementos culturais dos jornais de João Pessoa.

A pesquisa foi desenvolvida por alunos da graduação em jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, com apoio do programa de Iniciação Científica Pibic/CNPq, sob a orientação do professor doutor Wellington José de Oliveira Pereira.

Nos próximos parágrafos, fazemos um relato do desenvolvimento da pesquisa, que resultou na publicação de um livro com ensaios dos alunos pesquisadores: *Epistemologias do Caderno B* (João Pessoa: Manufatura, 2006, 180 p.).

Relato de pesquisa: Jornalismo cultural e gêneros jornalísticos nos jornais de João Pessoa/PB

Em busca da compreensão dos conceitos de gêneros jornalísticos no cotidiano dos cadernos culturais, o Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo empreendeu pesquisa de Iniciação Científica, pela Universidade Federal da Paraíba, com apoio do Pibic/CNPq, no período de 2004 a 2005, tendo como bolsistas as alunas Ana Carolina Costa Porto e Suéllen Rodrigues Ramos da Silva, na época cursando comunicação social, com orientação do professor doutor Wellington Pereira.

A pesquisa, a exemplo de atividades anteriores do grupo, como o estudo sobre o cotidiano dos jornalistas de João Pessoa, que resultou na publicação de *O Trabalho de Sísifo*, ampliou o leque de discussões aos demais integrantes do grupo e gerou, proficuamente, o livro *Epistemologias do Caderno B*, uma reflexão coletiva acerca do jornalismo cultural paraibano.

No início da pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico das obras que tratam sobre gêneros jornalísticos, jornalismo cultural e cotidiano. Feito o levantamento, partiu-se para a escolha dos textos que seriam abordados.

Em seguida, houve a organização do material empírico. Este consistia em cadernos de cultura extraídos dos jornais pessoenses, cabendo a cada bolsista a análise de 18 edições do mês de maio do ano de 2004, sendo seis de cada periódico: *Vida e Arte (Jornal da Paraíba)*, *Caderno 2 (Correio da Paraíba)* e *Show (O Norte)*.

Com a organização, as matérias foram separadas e identificadas com os nomes dos jornais, datas e páginas de publicação. Foram descartadas as páginas de coluna social, além de todo o conteúdo considerado não-jornalístico, como espaços de publicidade, agendas, horóscopos, palavras cruzadas etc.

Concluídas as fases embrionárias de organização e sistematização dos recursos empíricos, partiu-se para a análise quantitativa do material de pesquisa. Todas as matérias foram lidas e classificadas de acordo com a proposta epistemológica do projeto, ou seja, por meio das teorias dos gêneros jornalísticos.

As bolsistas se preocuparam, a princípio, com a discussão sobre o assunto. Autores como José Marques de Melo e Luiz Beltrão foram os sustentáculos comuns na tentativa de compreensão do universo genérico, tendo em vista que tais autores foram os pioneiros no estudo dos gêneros, em âmbito jornalístico, no Brasil.

Os dados apurados na análise quantitativa foram tabulados, sendo feita a comparação entre as informações obtidas em cada jornal, detectando-se a frequência de aparição e a tipologia dos gêneros nos cadernos culturais.

Após a identificação de algumas divergências entre as visões dos autores, passou-se a refletir sobre os conceitos, dando início à confecção de um ensaio cujo tema geral seriam os gêneros jornalísticos. Entretanto, fez-se uma divisão metodológica entre os temas específicos que seriam trabalhados pelas bolsistas dentro desse universo, cabendo o eixo jornalismo informativo/relato à bolsista Ana Carolina Costa Porto e o eixo jornalismo opinativo/comentário a Suéllen Rodrigues Ramos da Silva.

Após a conclusão do ensaio, foram discutidos, inclusive nas reuniões do Grupecj, textos referentes aos conceitos ainda não abordados até aquele momento: cultura, cotidiano e jornalismo cultural.

Enfatizou-se a temática da cultura pela razão de que tanto o cotidiano quanto o exercício jornalístico e, mais especificamente, o segundo caderno apresentam interligações significativas com esse universo. Por esse motivo, abordaram-se não apenas suas definições, mas também a tentativa de compreensão da sua contextualização contemporânea e outras questões referentes ao campo.

Após a leitura da bibliografia referente às temáticas, foram escritos textos a fim de discorrer e refletir sobre cada campo, buscando apreender o que havia sido pesquisado na fundamentação teórica.

Concluída essa etapa do trabalho, partiu-se novamente para a análise do material de pesquisa. Desta vez a avaliação não foi apenas quantitativa, mas também qualitativa, passando a refletir sobre o conteúdo das matérias, analisando-as com base nos conceitos e questionamentos provenientes do embasamento bibliográfico.

O estudo foi feito inicialmente enfocando os gêneros do discurso jornalístico. Em um segundo momento, analisaram-se as características do jornalismo cultural paraibano, também buscando compreender de que maneira o segundo caderno retrata os elementos referentes à cultura e à vida cotidiana no contexto contemporâneo.

Os resultados da pesquisa demonstraram que os cadernos de cultura dos jornais paraibanos privilegiam o caráter de agenda do jornalismo cultural, havendo uma predominância dos tradicionais gêneros informativos (notícias, reportagens), em detrimento dos gêneros opinativos (artigos, cartas, críticas). Significa dizer que a real função do jornalismo cultural paraibano não é bem desempenhada, pois falta a contextualização cultural e a criticidade, elementos inerentes às folhas que se prestam a abordar a cultura.

A pluralidade nos discursos também é mínima – um sintoma de outras editorias –, mas também é indispensável no setor de cultura, visto que, quanto mais abordagens e visões acerca de um mesmo assunto, mais enriquecida será a discussão.

As notícias surgem em todos os veículos, mas não em todas as edições como acontece com as reportagens. Nas 18 edições analisadas, gêneros como a entrevista e o editorial mostraram-se incomuns. O que é visto com maior frequência é a inclusão das vozes dos entrevistados em matérias como reportagens ou mesmo pequenos comentários.

O caráter de agenda adotado pelo jornalismo cultural paraibano segue a linha dos meios de comunicação de massa mais recentes (como a internet), preocupando-se em dar o maior número de informações de uma só vez.

Dessa forma, por meio da referida pesquisa, o Grupecj pôde não apenas apreender os conceitos que permeiam os universos da cultura, do cotidiano e dos gêneros jornalísticos, mas aplicá-los à

realidade, discutindo os modelos mais aceitos de classificação dos gêneros e analisando o conteúdo dos cadernos culturais dos periódicos paraibanos.

O jornalismo cultural paraibano reflete o processo de universalização da cultura, dando destaque aos produtos culturais mundializados, sendo possível notar que existe realmente uma influência dos produtores da indústria cultural sobre o que é veiculado.

Os jornais cedem espaço para a cultura local, entretanto restringem-se aos eventos e produtos mais massivos ou elitizados, em detrimento das manifestações da cultura popular, que praticamente não são divulgadas pelos cadernos culturais.

De alguma forma, estudar o segundo caderno dos periódicos paraibanos também possibilita visualizar traços da vida cotidiana imersa nesse contexto de valores culturais mundializados. A assimilação de universos simbólicos externos, o consumo proveniente da cultura de massa, a universalização dos valores locais, a existência de uma memória coletiva mundial, a relativização do espaço e do tempo (que orienta as editorias na construção de textos curtos e noticiosos a fim de facilitar a “absorção” das mensagens, não considerando a necessidade de análise), os problemas identitários causados pelo processo de mundialização e a discussão de problemas culturais locais, são vários elementos que compõem o contexto cultural e cotidiano com o qual convivemos atualmente e podem ser encontrados retratados nos cadernos de cultura dos jornais paraibanos, após uma observação mais cuidadosa.

Ao final, o material de pesquisa foi distribuído entre todos os membros do grupo para análise, que deu continuidade ao trabalho inicialmente empreendido pelas alunas bolsistas, cabendo seis textos (dois de cada periódico) a cada integrante. O resultado foi a conversão dos esforços conjuntos de professores e alunos de graduação em um livro, *Epistemologias do Caderno B*, que foi lançado no segundo semestre de 2006, em João Pessoa, e constitui-se em um conjunto de nove ensaios produzidos pelos pesquisadores.

O livro reflete as indagações e as interpretações conclusivas a que chegaram as bolsistas, sendo o jornalismo cultural paraibano comumente apontado como superficial, meramente informativo e pouco direcionado à crítica e aos parâmetros de avaliação dos produtos culturais e das formas artísticas impressas nos veículos diários. Cada pesquisador demonstra, a seu modo, mas sem perder o fio metodológico tecido desde as primeiras incursões teóricas levantadas pelo grupo, os sintomas de uma editoria tão cara ao jornalismo e igualmente tão pobre em estudos e publicações, como é o jornalismo cultural.

A análise voltada a uma sociologia do cotidiano e suas aplicabilidades aos estudos do jornalismo cultural permitiram o olhar criterioso do pesquisador, visto que admite a complexidade e a percepção dos fenômenos socioculturais como elementares ao desenvolvimento de uma avaliação sensível da contemporaneidade.

Consideramos que nossa pesquisa é apenas mais uma etapa, ainda não concluída, que deve ser precedida de novos estudos a fim de ampliar as discussões, aprofundar os conceitos e melhor apreender as questões que permeiam a sociedade pós-moderna, levando adiante o processo de construção e renovação do conhecimento que deve ser contínuo e permanente.

Referências bibliográficas

- ACCARDO, Alain et al. *Journalistes au quotidien*. Paris: Le Mascaret, 1995.
- ACCARDO, Alain et al. *Journalistes précaires*. Paris: Le Mascaret, 1998.
- AUCLAIR, George. *Le mana quotidien – structures et fonctions de la chornique des faits divers*. Paris: Editions Anthropos, 1982.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Paris: PUF, 1977.
- BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. São Paulo: Edusp, 1992.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHOMSKY, Noam. *Les médias et les illusions nécessaires*. Paris: Éditions K Films, 1993.
- COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação – teoria e ideologia*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1973.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura – globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Sesc: Studio Nobel, 1997.
- GOLDSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- JAVEAU, Claude. *La société au jour le jour – écrits sur la vie quotidienne*. Paris, Bruxelles: De Boeck, 1991.
- JUAN, Salvador. *Les formes élémentaires de la vie quotidienne*. Paris: PUF, 1991.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo – norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.
- KUNSCH, Dimas Antonio. *Maus pensamentos – o mistério do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Anablume/Fapesp, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- _____. *A transfiguração do político – a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de-siècle*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.
- _____. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARQUES DE MELLO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MATHIEN, Michel. *Les journaliste*. Col. Que sais-je? Paris: PUF, 1995.
- PEREIRA, Wellington. A ética do ostracismo tem um valor político. In: *Mídia em Debate*, jornal *O Norte*. João Pessoa, 13 dez. 1992.
- _____. Olhai os lírios com Jorge Tadeu. In: *Mídia em Debate*, jornal *O Norte*. João Pessoa, 19 abr. 1994.
- _____. La double signification du quotidien. In: *Sociétés – Revue des Sciences Humaines et Sociales*, p. 103, n. 55, Paris, Bruxelles: De Boeck, 1977.
- _____. Le quotidien voilé – l'affaire Collor de Melo dans le magazine brésilien *Veja*. Tese de doutoramento defendida na Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, sob a orientação do professor Michel Maffesoli. Paris, 15 jun. 1999.
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Nascimento do consumo século XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura – a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença Editorial, 1993.
- SCHUTZ, Alfred. *Le chercheur et le quotidien*. Paris: Méridiens, 1994.
- SENNET, Richard. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris: Seuil, 1979.
- SIMMEL, Georg. *La sociologie et l'expérience du monde moderne – sous la direction de Patrick Watier*. Paris: Meridiens, 1986.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O livro no jornal – os suplementos literários franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik et al. *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: Edições PUC: Loyola, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e o seu funcionamento – as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2001.
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso- ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna – introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.

REBELO, José. *O discurso do jornal – o como e o porquê*. Lisboa, Editorial Notícias, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours d'information médiatique – la construction dur miroir social*. Paris: Nathan, 1997.

SIMMEL, Georg. *Sociologie et épistemologie*. Paris: PUF, 1981.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

O'SULLIVAN, TIM. *Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura*. Piracicaba: Unimep, 2001.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

* **Wellington Pereira** é mestre em literatura brasileira pela Universidade Federal da Paraíba e doutor em sociologia pela Sorbonne, Paris V. Atualmente, coordena o Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (Grupecj) e leciona no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Autor, entre outros livros, de *Crônica: Arte do Útil ou do Fútil? – Ensaio sobre a Crônica no Jornalismo Impresso* (1994), *O Beijo da Noiva Mecânica – Ensaio sobre Mídia e Cotidiano* (2002), *Chanel 19: Histórias no Feminino* (contos, 2001), *Diário de uma Zappeur – TV, Insônia e Vida Quotidiana* (2006), *Epistemologias do Caderno B* (organizador, 2006) e *Vovó Nos Protege? – Histórias Infantis para Gente Grande*, 2006.